



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALEX BRANCO FRAGA II**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-332

**Entrevistado:** Alex Branco Fraga

**Nascimento:** 01/02/1969

**Local da entrevista:** ESEF, Porto Alegre - RS

**Entrevistador/a:** Bruno Silva

**Data da entrevista:** 12/06/2013

**Transcrição:** Natália Bender

**Copidesque:** Silvana Goellner

**Pesquisa:** Christiane Macedo

**Total de gravação:** 71 minutos e 51 segundos.

**Páginas Digitadas:** 27

**Observações:**

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Bruno de Oliveira e Silva, sobre o Referencial Curricular de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul – Lições do Rio Grande, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Importância do projeto Garimpendo Memórias; Carreira profissional; Convite para participar do Lições do Rio Grande; Condição para aceitar o convite; Primeiros contatos com a equipe; Processo de produção do documento; Ideia das outras áreas do conhecimento; Visibilidade à Educação Física escolar; Proposta inicial do documento; Necessidades específicas de cada área; Reuniões; Participação dos professores da rede estadual; Ideia de educação física que o documento buscou produzir; Movimento Renovador; Ideia de Competências; Como pensaram o professor e o aluno dentro do referencial curricular; Ideia dos autores que se basearam; Como aconteceu a definição dos elementos pedagógicos/temas estruturadores do texto; Sistematização das práticas; Ganhos e Brincas; Como funcionam as unidades didáticas; Avanços/objetivos que se esperavam com o documento; Função social da Educação Física; O tratamento que foi dado a esse material depois; Distribuição dos materiais; Processo de capacitação dos professores; Autobiografia; Linhas de pesquisa; Professor reflexivo; Opinião sobre os materiais que vêm sendo produzidos em outros estados; Uso que o professor faz do material; Quais foram as críticas, elogios ao documento; Agradecimento e considerações finais.

Porto Alegre, 12 de junho de 2013. Entrevista com Alex Branco Fraga a cargo do pesquisador Bruno de Oliveira e Silva para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.S. – Bom Alex, a intenção da entrevista é entender um pouco as condições e possibilidades da construção do documento Lições do Rio Grande<sup>1</sup>. Então, toda a nossa trajetória vai se basear nessa linha e a ideia é a gente pensar um pouco sobre essas condições e possibilidades. Bom, como você se envolveu na produção do documento Lições do Rio Grande? Quando, quem convidou, por que desse convite? E se você, nesse momento, sabe se outros autores foram convidados para essa produção.

A.F. – Bom em primeiro lugar eu acho que é super importante o projeto Garimpendo Memórias passar a registrar eventos que não sejam especificamente vinculados à ESEF<sup>2</sup>, mas que digam respeito à Educação Física no Rio Grande do Sul. Eu acho importante fazer essa ressalva, é muito pertinente e fico honrado em ter sido convidado.

B.S. – Nós que agradecemos.

A.F. – Bom, sobre a pergunta especificamente: como eu fui convidado. Eu já vinha desenvolvendo um trabalho na disciplina Introdução à Prática e ao Estágio - Metodologia do Ensino da Educação Física, que era uma disciplina obrigatória do currículo antigo, em que parte das discussões eram de cunho curricular. O currículo do curso de Licenciatura em Educação Física vigente até 2012, tinha essa disciplina e nela a gente já vinha desenvolvendo as temáticas da Educação Física na escola e uma série de questões e decorrentes das pesquisas e trabalhos em interface com o campo da Educação. Eu fiz meu mestrado e meu doutorado no campo da Educação e por ser da Educação Física, muitos outros colegas de outras áreas, de História, Ciências, Matemática, me reconheciam como um professor que trabalhava na Educação Física e que tinha um contato com as questões

---

<sup>1</sup> Referencial Curricular Lições do Rio Grande. Obra: GONZÁLEZ, F. J. ;FRAGA, A. B. . Referencial Curricular de Educação Física. In: Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. (Org.). **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias - Volume II.** 1ed.Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, 2009, v. 2, p. 113-181.

de Educação. Eu trabalhei durante um tempo no Núcleo de Integração da Universidade e Escola da UFRGS<sup>3</sup>, como convidado para fazer algumas assessorias no interior do Estado quando se incluía a Educação Física. Então essa assessoria de Educação Física estava muito vinculada aos projetos que o Núcleo de Integração da Universidade e Escola apresentava para os municípios; os municípios contratavam o Núcleo e o Núcleo contratava os professores. Os primeiros a serem convidados para o Lições do Rio Grande, que na época ainda não tinha esse nome, era apenas a ideia de um referencial curricular do Estado foram alguns colegas da Língua Portuguesa, da Matemática, da Geografia, da História, que me conheciam do NIUE<sup>4</sup>. Então, quando foi definido que o referencial incluiria a Educação Física, tal como havia sido feito no estado de São Paulo, e no estado de Minas Gerais recebi um primeiro convite da Secretária, o qual eu recusei; eu achava que não tinha condições naquela época em função do tempo, que eu tinha uma série de atividades na ESEF, e estava muito envolvido com muitas questões administrativas, pedagógicas e de pesquisa. Eu não lembro exatamente o ano em que esse convite foi feito mas, se eu não me engano, foi 2008. Passado um tempo, novamente me questionaram se eu de fato não iria assumir a tarefa, e ainda assim demorei um tempo para responder; como estava trabalhando nessa disciplina Introdução à Prática e ao Estágio<sup>5</sup>, e eu sempre convidava alguns professores para fazer algumas falas em relação a esse tema. Já era o segundo semestre que eu trazia o professor Fernando González<sup>6</sup>, que estava fazendo doutorado aqui conosco e porque ele desenvolvia um projeto com os professores da Rede Estadual ligados à UNIJUI. Ele desenvolvia um projeto chamado Projeto Curricular Guia, e depois dele apresentar pela segunda vez me dei conta que poderia estabelecer com ele uma parceria: pois é, aquele convite lá, o Fernando aqui, se o referencial pudesse ser feito em parceria talvez fosse possível encarar. Tinha também a questão da dimensão política, na época era um governo do PSDB<sup>7</sup>; não tinha ainda acontecido o "estouro" aquele entre CEPERS<sup>8</sup> e o Governo do Estado, ainda estava uma coisa meio morna, apesar de sempre com algum tensão. Aconteceu o estouro depois que a gente já tinha aceitado. Aí quando eu liguei para lá dizendo: “Olha, se o convite está de pé, eu aceito.” Mas nesse meio tempo

---

<sup>2</sup> Escola de Educação Física da UFRGS.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> Núcleo de Integração Universidade e Escola – UFRGS.

<sup>5</sup> Disciplina do Curso de licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física da UFRGS.

<sup>6</sup> Fernando Jaime González.

<sup>7</sup> Partido da Social Democracia Brasileira.

<sup>8</sup> Centro dos Professores do Estado do RS / Sindicato dos Trabalhadores em Educação.

eles já tinham convidado outra pessoa também, outro profissional, e aí disseram: “Não, vamos fazer uma reunião aqui, uma espécie de uma entrevista para que a gente possa definir então quem será escolhido”. Ao chegar lá, encontrei o outro profissional. Ai eles apresentaram os princípios do projeto para que pudéssemos ter uma ideia sobre o que eles estavam pensando; eles tinham a ideia de fazer um referencial curricular, contando também com a produção de unidades didáticas para professor e para aluno, um pouco parecido com o material do Governo do Estado de São Paulo, que também era do mesmo partido político - naquela época, o PSDB - Além disso, queriam saber como víamos a disciplina de educação física vinculadas/articuladas com as áreas, especialmente Linguagem, códigos e suas tecnologias; bem como com as outras áreas. Diferentemente dos estados de São Paulo e Minas Gerais, que eram as referências de organização do trabalho para a equipe da secretaria do estado do Rio Grande do Sul. Uma diferença marcante do referencial do RS para os demais é que a Matemática passou a ser uma disciplina em uma área separada. Quase ao final da entrevista, quando já não estávamos mais em uma situação de "acareação", me perguntaram se poderia fazer o trabalho com o outro professor entrevistado, Eu disse: “Olha, eu vou ser sincero, eu só aceitei fazer a entrevista porque já havia pactuado com o professor Fernando Jaime González que só faria o trabalho se pudéssemos fazer em parceria, senão não poderia aceitar o convite”. Depois de um tempo, eu não sei precisar quanto tempo depois, eu recebi uma ligação: “Olha, a gente está querendo que você já se integre com a equipe de elaboração dos referenciais. Comece a se envolver aqui e tal”. Perguntei: “Mas farei em parceria com o professor Fernando?” “Sim, com o professor Fernando”. Então, está aceita a tarefa. A partir daí, como as reuniões eram na sede da secretaria, comecei a fazer os primeiros contatos com a equipe, muitos dos integrantes eu já conhecia em função das atividades anteriores no NIUE, especialmente o pessoal da área de Linguagem. Inicialmente fizemos um alinhamento dentro da área de Linguagens porque o trabalho deveria ser baseado nas competências e habilidades de ler, escrever e resolver problemas, como elemento norteador das competências gerais para todas as áreas. Depois desse primeiro alinhamento na área, passamos a delinear o trabalho a ser feito na Educação Física. E como o professor Fernando González mora em Ijuí, todo o nosso processo de trabalho se deu majoritariamente via Skype<sup>9</sup>; a gente brinca que o referencial curricular está todo no Skype. Foi um processo de aprendizagem bastante difícil no início porque, quando a gente saiu da primeira reunião geral, onde nos foi apresentadas

---

<sup>9</sup> Skype é um software que permite comunicação pela internet.

todas as possibilidades, a gente foi até a minha casa e começou a traçar os planos de como enfrentar aquela massa de material. O mais difícil era compor o que pensávamos com o que nos demandavam. Para as outras áreas, a questão dos conteúdos era algo que parecia já resolvido, portanto, a primazia deveria ser a discussão de competências. Os problemas relacionados às áreas eram muito distintos, e no nosso caso o problema era: “Olha, não há visibilidade da Educação Física como uma disciplina, uma matéria de ensino, as vezes parece que os alunos de quinta, sexta, sétima e oitava série não têm o que estudar nesta disciplina”. Para nós era importante dar visibilidade à Educação Física enquanto uma disciplina escolar, dar visibilidade aos conteúdos que lhe cabe ensinar... Portanto, a dificuldade era conciliar a organização do trabalho na linha das competências e habilidades, mas sem deixar de dar visibilidade aos conteúdos. Fundamentalmente, poder mostrar que a Educação Física é uma disciplina escolar tal qual as outras e mostrar que, além de ser uma disciplina igual as outras, ela tem o que estudar; tem até muito mais coisas do que as pessoas imaginam. No imaginário social há a ideia de que nas aulas de Educação Física a gente precisa permanentemente colocar as crianças para se exercitar, que seja em nome do desenvolvimento de alguma aptidão física, do talento esportivo; para a manutenção da saúde, em algo que está sempre além dos conteúdos da disciplina, algo que eu chamo de projetos exógenos na escola. Acho que avancei um pouco da resposta, mas provavelmente esta já deve estar contemplando outras.

B.S. – Qual era a proposta inicial da própria Secretaria. Havia algumas diretrizes da secretaria para vocês seguirem na construção e como foram as condições para vocês construírem esse documento a partir dessas orientações?

A.F. – Olha, uma coisa que o Fernando e eu brincamos muito é que: nunca recebemos telefonemas da Yeda<sup>10</sup> dizendo o que tinha de ser feito, se deveria ser desse jeito ou daquele jeito; não tinha uma orientação política partidária, por sinal, a situação era muito interessante, pois muitas pessoas que ali estavam trabalhando tinham uma vinculação com o PT<sup>11</sup>. Mas enfim, qual era a diretriz geral da Secretaria? Bom, como vocês sabem a LDB previa a organização de diretrizes nacionais (que resultaram nos PCN's<sup>12</sup>), e previa também diretrizes estaduais e municipais. Como a prática curricular não é um elemento

---

<sup>10</sup> Yeda Rorato Crusius.

<sup>11</sup> Partido dos Trabalhadores.

muito forte na Educação Física, nós não temos uma tradição de organização curricular. Apesar de uma série de críticas, especialmente quando do lançamento, os PCN's foram muito importantes para a Educação Física, e para grande maioria das outras áreas também, mas eles estavam ainda em um patamar muito abstrato, muito distante da realidade concreta das escolas, mas foi uma referência importante para a construção dos referenciais. Além disso, a Secretaria queria seguir muito proximamente aquilo que já tinha sido feito em São Paulo. Então a gente recebia materiais da Secretaria de São Paulo e, evidentemente, nos valíamos de outros materiais que já nos serviam de referência. A gente consultou materiais de Portugal, da Argentina, de outros estados, como o de Minas Gerais, enfim, tivemos acesso a diferentes materiais, mas a Secretaria tinha como uma premissa fundamental trabalhar com os referenciais de São Paulo.

B.S. – E como foi esse processo de construção, de reuniões, pesquisas, escrita, a formação da equipe, e se houve alguma relação com outros grupos de trabalho. Eu sei que o senhor falou um pouco antes...

A.F. – É, já falei. Todo o trabalho inicial de alinhamento foi um trabalho difícil porque cada uma das áreas vinha com uma necessidade específica, de uma dificuldade que se visualizava na área específica, mas era necessário fazer um alinhamento geral. Tinha as reuniões gerais com a Secretaria, em que todos os colaboradores do referencial curricular do Estado eram reunidos e o pessoal da secretaria apresentava algumas premissas do trabalho que eles gostariam de ver desenvolvidas. Sempre voltavam a questão das competências: ler, escrever e resolver problemas, era o elemento central, mas sempre havia abertura para o diálogo e para possíveis mudanças de rota, e não foram poucas as mudanças oriundas desses encontros. Além das reuniões gerais, que eram mais frequentes nos primeiros seis meses de trabalho, tínhamos as reuniões mais específicas do núcleo Linguagens, Códigos e suas tecnologias, que também foram mais frequentes nos primeiros seis meses, obviamente que os encontros de produção de trabalho eram mais longos, sistemáticos e intensos era para o desenvolvimento do referencial da Educação Física. Então, tínhamos três dimensões de trabalho: as reuniões gerais com a equipe da Secretaria, as reuniões dentro da área Linguagem, Códigos e as suas tecnologias e as reuniões entre eu e o Fernando.

---

<sup>12</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais.



B.S. – Em algum momento os professores da Rede Estadual foram chamados a participar?

A.F. – No caso da Educação Física sim, mas a participação dos professores foi depois que o material já estava elaborado, ou melhor, bem alinhavado. Como é que se deu? Se deu como uma espécie de piloto... Porque como o Fernando já tinha assessorias com os professores do Estado, e vinha mantendo um trabalho de formulação curricular para cada escola específica, de certo modo se buscou aquela experiência, que é uma experiência piloto; para de algum modo testar o material depois que estava quase pronto, a gente foi ao encontro de professores da rede pública estadual que pudessem analisar o material, experimentar o material e apontar problemas para que a gente pudesse voltar, corrigir, ampliar ou cortar.

B.S. – Qual é a ideia de Educação Física que o documento buscou produzir, no caso produziu, que ele já está pronto...

A.F. – De certo modo, apesar de eu particularmente não me considerar um professor de Educação Física que lida com teorização crítica da Educação Física escolar, tive muito contato com esta teorização que sustenta o movimento renovador. De certo modo, querendo ou não, de acordo ou não, todos nós que lidamos com a educação física escolar no âmbito acadêmico somos herdeiros do movimento renovador, porque os primeiros movimentos em torno de organização curricular que passaram a pensar a Educação Física como uma disciplina responsável pela cultura corporal de movimento, por meio das práticas corporais sistematizadas. O livro célebre é o Coletivo de Autores<sup>13</sup>, cujo os autores podemos chamar de "pioneiros do movimento renovador", que é um termo que eu gosto muito de usar. Então, a gente procurou tratar no referencial do legado que nos foi deixado pelo movimento renovador, que é entender a disciplina da Educação Física escolar como uma disciplina de fato, que está articulada com as outras disciplinas em prol de uma educação que possa fazer com que os meninos e meninas se conectem com o mundo, desenvolvam uma capacidade crítica, dentro daquilo que cabe a Educação Física tratar, ou seja, as práticas corporais sistematizadas, essas representações sociais em torno delas, a

---

<sup>13</sup> Obra: CASTELLANI FILHO, L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

relação que ela estabelece com o campo da saúde e com o campo do lazer, enfim, fazer com que as crianças possam ter noção, e até mesmo um conhecimento um pouco mais aprofundado sobre o seu universo que a Educação Física lida de maneira mais direta.

B.S. – E como vocês chegaram as ideias das competências?

A.F. – De certo modo, as competências acabaram sendo um elemento de forte discussão entre nós no início dos trabalhos, quando estávamos na fase de delineamento mais geral entre as diferentes áreas; a gente, como havia esse elemento que comentei no início, dos conteúdos serem uma questão bastante importante para dar visibilidade à educação física enquanto disciplina escolar, trabalhar com a ideia de competência, principalmente a ideia de habilidade, soava estranho para a Educação Física; especialmente porque vem à memória de um professor de educação física a questão das habilidades motoras, o que em si não é um problema, e sim o modo como ela foi tratada ao longo dos anos nas aulas de educação física. Depois de passada essa primeira grande discussão, a gente passou a construir junto com as outras áreas uma possibilidade de articular a herança do movimento renovador com um projeto de construção do referencial centrado na questão das competências, e nesse processo aprendemos bastante com os colegas, especialmente os da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, com quem trabalhamos mais diretamente. Esta aproximação resultou na construção do capítulo introdutório dos referenciais, que foi um capítulo escrito por todos os professores dessa área. Aí a gente começou a se dar conta que a ideia de trabalhar por competências era algo muito interessantes para o que pretendíamos fazer, pois não dá para simplesmente trabalhar com a ideia do conteúdo sem trabalhar na perspectiva de mobilização de conhecimentos adquiridos. Assim, há mais dinamismo na aprendizagem baseada por competência, centrada na capacidade de resolver problemas, de "saber se virar", expressão que usamos em nosso material; o foco nessa questão é mais de como as crianças se preparam para seguir aprendendo, do que a apresentação de um conteúdo específico, isso muda o modo como tu vais preparar as aulas, como tu vais organizar o material, como tu vais lidar com a avaliação, tudo isso se modifica, e do meu ponto de vista, pode modificar para melhor.

B.S. – Como vocês pensaram, tanto o professor quanto o aluno, dentro do referencial curricular?

A.F. – O referencial é um material destinado a ser, tal qual o nome diz, uma referência de fato, a gente colocou lá: não é um currículo mínimo, é um guia de estudos, então, o que a gente tinha em mente era um material que pudesse auxiliar os professores na elaboração dos planejamentos nos mais diferentes níveis dentro da escola... Mas além do referencial, havia outro material, os Cadernos do professor e do aluno para as séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Eram compostos de unidades didáticas, nas quais uma parte era destinada aos professores orientarem a atividade e outra para os alunos realizarem as atividades propostas. Essa parte do trabalho também foi bastante difícil, pois nós tínhamos que montar um texto que pudesse dialogar com as crianças de quinta, de sexta, de sétima, depois os alunos de primeiro ano, segundo e terceiro do Ensino Médio de toda a rede do estadual de ensino. Eu lembro que durante o trabalho da montagem do Caderno de Jogos, destinado à quinta série, eu tinha um sobrinho do interior que estava cursando exatamente esta série. Então eu mostrava para ele o material, lia algumas partes e perguntava se havia entendido. E quando não entendia muito bem o que estava sendo proposto, explicava e perguntava a ele de que modo seria melhor compreendido. E assim foi com os professores que também colaboraram com a construção e experimentação do material. Exatamente porque o material deveria ser construído a partir de um gênero literário distinto do referencial. Tu tens que ter em mente o interlocutor que, no caso, era uma criança de quinta série, e ao mesmo tempo, o seu professor. No caso do material para o professor, as unidades didáticas deveriam ser montadas para dar conta de uma atividade e, ao mesmo tempo, dar pistas ao professor sobre como esta atividade poderia ser conduzida ou modificada. Então tu tinhas que trabalhar com um tipo de escrita que fosse orientadora, mas não limitadora. E o referencial tinha que ser trabalhado no sentido de um guia de estudos para toda a rede estadual de ensino; sem ser um material fechado e que ao mesmo tempo pudesse trazer informações para os professores para buscarem mais subsídios, pois sabíamos que muitos professores não tinham acesso a materiais de estudo em suas escolas ou cidades. Essa foi a imagem que a gente foi construindo dos interlocutores, já que a rede é enorme. Tem seis mil professores só de Educação Física, então tu multiplicas pelo número alunos da Rede que receberam o material impresso. Vocês podem imaginar o grau de dificuldade para construir um material que pudesse de algum modo dialogar com um público tão vasto e com realidades tão distintas? De fato foi uma tarefa muito complexa, e muito enriquecedora.

[INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO]

B.S. – Bom, agora vamos falar um pouco das fontes que vocês utilizaram, das referências. Quais foram essas referências que vocês utilizaram e como se deu o processo da escolha desses autores que vocês utilizaram no Lições.

A.F. – Bruno, isso é muito esforço para um professor na minha idade e já no final do semestre letivo me lembrar de cabeça. Eu vou ter que olhar porque tem muitas coisas que eu não lembra mais...

B.S. – Mas a ideia geral dos autores, professor, porque falar de cada uma das referências também, a gente vai ficar aqui só falando disso o dia todo.

A.F. – A gente tem que pensar no conjunto das áreas, na área na qual nós estávamos vinculados e na Educação Física. No caso da Educação Física a gente foi se baseando muito fortemente nos autores do movimento renovador da Educação Física brasileira, como já disse antes. Então, era muito presente Valter Bracht; muito presente o Coletivo de Autores; muito presente os materiais que o próprio Fernando já tinha desenvolvido com os professores lá de Ijuí; era muito presente o material que trabalhava com os alunos da licenciatura na disciplina "Introdução à Prática e ao Estágio: metodologia do ensino da Educação Física", era muito presente uma série de artigos do pessoal da Educação Física que lida com a questão da educação de modo geral e os materiais relacionados a currículo; o material produzido pelos outros estados Talvez a referência mais inusitada no âmbito da produção curricular tenha sido a utilização dos princípios da Praxiologia Motriz, de Pierre Parlebas, trazida pelo Fernando de forma adaptada, para a organização de uma outra dimensão do conhecimento das práticas corporais, especialmente para colaborar na caracterização e diferenciação das práticas corporais entre si. Então, essa adaptação produzida pelo Fernando foi muito útil para dar maior concretude às competências que propúnhamos no âmbito das práticas corporais. Tanto no âmbito das práticas corporais de um modo mais geral como esporte, jogos motores, como lutas, como também dentro de algumas delas como, por exemplo, esporte. A ginástica, por exemplo, a gente acabou optando em manter a nomenclatura proposta pelos PCN's Apesar de mantermos a

expressão ginástica, inserimos três subdivisões: ginástica acrobacia, ginástica exercício físico, ginástica práticas corporais introspectivas, muito em função das demandas motoras diferenciadas que cada uma delas proporciona a quem pratica... Por exemplo, a acrobacia gera um tipo de experiência corporal diferente da introspectiva, que por sua vez é diferente da experiência que cada um de nós tem com os exercícios físicos. Então, se elas são diferentes entre si, elas mereciam ser tratadas no documento de modo diferenciado para que pudessem ser desenvolvidas em projetos escolares como objeto de estudo diferenciados aos alunos na escola.

B.S. – Como foram definidos esses elementos pedagógicos, eu estou chamando de elementos pedagógicos...

A.F. – Creio que já respondi na questão dois.

B.S. – Como foram definidos os elementos pedagógicos, vocês não chamam de elementos pedagógicos, vocês chamam de termos estruturadores do texto.

A.F. – Isso. Muito em função da organização que teve para todas as áreas.

B.S. – Ai como se decidiu essa realização, essa divisão desses elementos dentro da segunda fase do ensino fundamental e do ensino médio, que é quando...

A.F. – Segunda fase do ensino fundamental que tu está falando é de quinta à oitava?

B.S. – Quinta, sexta, sétima, oitava e o ensino médio.

A.F. – Vamos de novo à pergunta. Deixa eu ver se eu entendi bem.

B.S. – Como foram definidos os elementos pedagógicos a serem propostos no documento, e como se decidiu ou foi realizada a divisão desses elementos ao longo de todos os anos de ensino.

A.F. – A gente tinha uma estrutura que havia sido definida pela Secretaria para todos os referenciais. Tinha uma estrutura dos referenciais que não podia ser alterada por nenhuma área em especial, mas algumas questões poderiam ser modificadas. No caso da Educação Física, nossos temas estruturadores guardam um relação muito próxima com os PCN's, mas deles se diferenciam bastante como, por exemplo, a inclusão da dimensão dos saberes corporais em uma relação de equilíbrio com os saberes conceituais, que chamamos de eixos no documento.

B.S. – Bom qualquer coisa você diminui na resposta. Eu estou falando porque as vezes eu fico repetindo as perguntas também.

A.F. – Não tem problema, se for preciso faço uma referência à resposta já dada anteriormente.

B.S. – É possível você falar um pouco sobre a sistematização dessas práticas e aí vou citar mais especificamente a que vocês escolheram lá e pensaram os temas estruturadores para falar. Então na quinta e sexta série o jogo, os esportes na sétima e oitava, o ganha e brinca no primeiro ano do ensino médio...

A.F. – As ganhas e as brincas.

B.S. – Ah, é verdade, lá é as ganhas e as brincas.

A.F. – É que eu não sei como é em Goiás, mas aqui as ganhas é uma forma de viver o jogo pautada na lógica do alto rendimento, sem brincadeira, apesar de ser um jogo. Outra expressão similar usada aqui no Rio Grande do Sul é "as vera"....

B.S. – Era sobre isso mesmo. E a última os esportes e a relação da educação e da saúde.

A.F. – Bem, primeiramente é preciso novamente salientar que o referencial curricular é um tipo de produção e as unidades didáticas são outro tipo. Então, a gente montou as unidades didáticas porque a Secretaria definiu que deveríamos seguir o modelo adotado por São Paulo; só que o material de São Paulo foi feito pensando na organização de unidades

didáticas para cada bimestre, o que para nós acabou resultando em um tipo de produção muito engessada. Mas enfim, o referencial tem por função explicitar os saberes considerados fundamentais para a Educação Física, e foi organizado com a intenção de auxiliar os professores no planejamento e na implantação de propostas de ensino que pudessem favorecer o processo de apropriação, problematização e uso criativo por parte dos alunos do que ali está sugerido. Como está escrito no próprio texto, "o Referencial é um ponto de apoio, e não um texto substitutivo, ao processo de elaboração dos planos de estudo de cada instituição". Já as unidades didáticas tinham como objetivo mostrar exemplos de como alguns dos pontos do referencial, no caso da Educação Física eram encontrados nos "Mapas de competências e conteúdos", poderiam ser tratados em aula diretamente com os alunos. O pessoal da secretaria colocou como meta a produção de unidades com no mínimo seis aulas, mas Fernando e eu achávamos que seis aulas era muito pouco, então, abrimos a possibilidade de o professor lidar com o material partindo do pressuposto que as aulas poderiam ser desdobradas em até dez aulas; pois julgávamos importante permitir mais tempo para o desenvolvimento de temas não usualmente desenvolvidos pelos alunos. Para elaboração dos Cadernos do Professor e do Aluno a gente partiu da seguinte premissa: jogo motor é um elemento importante da cultura corporal de movimento, portanto, mereceria ser desenvolvido em uma unidade específica, e preferencialmente para os alunos de quinta série. Depois de alinhavada a unidade, mostramos para professores da rede estadual, estudantes de educação física e colegas professores universitários, como uma espécie de piloto, para que pudessem ler o material e nos dar um retorno. Teve um estudante da ESEF que quando a gente mandou o de jogos, disse assim: "Mas é engraçado jogos ficarem só na quinta série, porque a gente pode usar jogos na quinta, na sexta, na sétima e na oitava". Ele estava entendendo jogo como um elemento didático para ensinar outro elemento da cultura corporal, como o esporte. Isso nos levou a construir uma explicação que pudesse diferenciar o jogo motor como objeto de estudo e o jogo motor como uma ferramenta de apoio didático passível de ser usada em diferentes situações de aula. A gente trabalhou com jogos no caderno de quinta série; nos outros, o esporte é o elemento central. No caderno da sétima e oitava série escolhemos a classificação dos esportes: o do primeiro ano do Ensino Médio é a prática dos esportes no âmbito do lazer, como ela pode ser vivida, experimentada; e o do terceiro do Ensino Médio o tema é esporte, saúde e educação. A escolha do esporte se deve ao fato de que é um elemento central dos trabalhos da Educação Física na escola. Desde a década de 1950, a

gente tem uma hegemonia dos esportes na escola, as vezes pendendo um pouco mais para a aptidão física, ora pendendo para a detecção de talentos ; ou ainda como mero entretenimento. As vezes parece que o esporte e a única possibilidade de trabalho, especialmente . A gente pensou que seria importante trabalhar com algo que é tido como um elemento muito marcante na cultura escolar, e que julgamos realmente importante ser trabalhado dentro da perspectiva traçada no referencial para mostrar que existem outras dimensões do esporte que não podem ser trabalhadas. Por isso, escolhemos o tema das três unidades que já citei anteriormente. A ideia de trabalhar com a classificação é interessante para que se possa analisar as modalidades esportivas que normalmente trabalhamos na escola: o handebol, o futsal, o basquete e o vôlei. Destas quatro, três delas, de acordo com o que propusemos no material, são "esportes de invasão" e uma de "rede e parede de rebote" como a gente colocou no material. Então, é possível perceber que nem mesmo a diversidade dentro do esporte está sendo trabalhada Apesar de a unidade sobre a classificação dos esportes estar prevista para a oitava série, não significa que ela não pudesse ser trabalhada pelos professores em outras séries. Um grupo de alunos que orientei o estágio no Ensino Médio utilizaram com as turmas de primeiro e segundo ano, pois ninguém havia estudado a classificação antes. Poderia ser também no terceiro ano pelo mesmo motivo, assim poderia ser no âmbito da universidade, também pelo mesmo motivo. Nossa intenção foi essa: trabalhar com um elemento como o esporte; trabalhar com algumas dimensões que geralmente não eram tratadas em aula. Outro elemento que julgávamos importante ser tratado nas escolas era a questão de como as pessoas vivenciam o esporte nos ambientes de lazer, porque se a gente colocar que um dos princípios da Educação Física é poder tratar de temas que estejam relacionados ao modo como as pessoas se conectam com o mundo fora da escola, naquilo que diz respeito a Educação Física; dois elementos são centrais: lazer e saúde, então, o lazer foi tratado no primeiro ano, para mostrar que existem formas de viver o lazer que são mais excludentes ou menos excludentes; aí a gente trabalhou com essa ideia e surgiu das nossas reuniões o termo "as ganhas e as brincas", para usar uma expressão bastante popular para algo que normalmente não está sistematizado E por último, para o terceiro ano do Ensino Médio, uma temática que é bastante candente: a associação entre esporte e saúde. A ideia era trabalhar buscando desconstituir os preconceitos que se tem em relação ao esporte, tanto é que a gente trabalha com a ideia de que esporte não salva, e tampouco mata. O esporte é um fenômeno social. A gente começou a trabalhar com essas dimensões para que os professores pudessem ver que



há questões no esporte como lesões, uso de drogas, anabolizantes que são elementos que compõem o mundo do esporte, mas que não podem ser associados diretamente à saúde; ou seja, o esporte não pode ser visto como um fim utilitário e sim como manifestação cultural que precisa ser estudada pelos alunos na escola. Além destas opções, poderiam ser trabalhadas outras tantas, como está previsto nos mapas de conteúdos e competências no próprio referencial. No livro *Afazer da educação física na escola: planejar, ensinar, partilhar*, publicado em 2012 pela Edelbra, a gente vai trabalhar com a unidade didática que é a identidade clubística; com a identificação dos alunos com um time de futebol e a gente propõe a discussão, por exemplo, do "hooliganismo" Ou seja, aquela coisa de eliminar o adversário ou de tu brincarez com o teu oponente; a gente trabalhou até mesmo a rivalidade entre o Grêmio<sup>14</sup> e Inter<sup>15</sup>, que no interior não é tão forte quanto na capital, e no interior tem algumas comunidades que fazem assim: quando o Grêmio ou o Inter, ganha o campeonato gaúcho o ganhador sobe em cima de uma carroça e os perdedores a puxam pela cidade.

B.S. – Menos em Pelotas, que parece que em Pelotas os Xavantes<sup>16</sup> e o Brasil de Pelotas<sup>17</sup>... é uma rivalidade próxima.

A.F. –... É verdade, é uma realidade local na qual Grêmio e Inter ficam em segundo plano naquela cidade. Até tem colorado e gremista lá, mas é diferente do resto do estado... Bem, esse foi um pouco o principio dos Cadernos porque o referencial tem uma outra ideia; o referencial é um guia de estudo, é uma ferramenta para a construção dos planos de estudos nas escolas. Ele tem uma outra concepção.

B.S. – Quais eram os avanços pretendidos para o documento?

A.F. – Em que sentido?

B.S. – Que avanços quando vocês foram construir, pensaram para a área da Educação Física com esse documento, no âmbito escolar no caso.

---

<sup>14</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

<sup>15</sup> Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

<sup>16</sup> Grêmio Esportivo Brasil, fundado em 7 de setembro de 1911.

<sup>17</sup> Esporte Clube Pelotas, fundado em 11 de outubro de 1908.

A.F. Não sei se a gente tinha uma pretensão de avanço...

B.S. – Não sei se a palavra é avanços, mas...

A.F. – Porque avanço é uma palavra que tem um tom de algo melhor a ser implantado, de mostrar o caminho. E não tínhamos esta pretensão Nas assessorias que fizemos aos professores do estado depois de lançado o referencial, eu costumava usar a seguinte frase: o referencial curricular não é fita adesiva; ele deveria ser visto como uma pastilha efervescente, a ser dissolvido no cotidiano escolar. A ideia de pastilha efervescente é uma metáfora fluída, e não algo ao qual se adere. Pensávamos a rede num sentido mais líquido do que em um sentido mais fixo, pelo menos tínhamos esta pretensão. Era um pouco esse o princípio, tentar convencer os professores em meio à guerra contemporânea de sentidos sobre a Educação Física na escola, de que a Educação Física curricular tem uma dimensão muito diferente daquela Educação Física trabalhada nas escolinhas de futebol, ou trabalhada nesses programas que tratam de promover a atividade física e saúde, ou de qualquer outro projeto exógeno. A ideia de que a Educação Física é uma disciplina, tão importante quanto as outras, com responsabilidades específicas no trato do conhecimento pertinente ao mundo do lazer e da saúde. Esse era o objetivo, a tentativa de deixar alguma herança, mas evidentemente que apoiado muito naquilo que a gente herdou, dos materiais que já tinham sido publicados, como os PCN's, o Coletivo de Autores, o trabalho do Professor Kunz<sup>18</sup>, do Mauro Betti, do Tarcísio Vago<sup>19</sup>, da Eustaquia Salvadora de Souza, ou seja, tanto os pioneiros do movimento renovador quanto aqueles que se dedicaram a elaborar os primeiros movimentos de sistematização curricular em diferentes locais nos rastros do Coletivo de Autores, até chegar nesse momento histórico no qual nos debruçamos sobre esse material.

B.S. – É, eu chamei de avanços, mas não sei se a palavra é boa também. Bom, nós sabemos que os referenciais foram lançados lá no governo da Yeda pela Secretária, no caso era a

---

<sup>18</sup> Elenor Kunz.

<sup>19</sup> Tarcísio Mauro Vago.

Mariza<sup>20</sup>. Você tem notícias depois da mudança da administração pública, qual foi o destino, o tratamento que foi dado esse material. O que você pensa sobre isso?

A.F. – Bom, eu estou orientando uma pesquisa de mestrado que é justamente para tentar ver um pouco isso. A aluna Giliane Desbessel está trabalhando com o que a gente começou a chamar "prática curricular", ou seja, tentar ver de que modo os professores depois do lançamento do referencial curricular passaram a lidar com essa tarefa que é a produção de planos de estudo, planos de ensino, planos curriculares. Tem dois autores argentinos; Mariano Palamidessi e Silvina Gvirtz que lançaram um livro chamado *El ABC de la area docente*<sup>21</sup>, e lá eles afirmam que a tarefa docente é dividida em dois elementos centrais: ensino e currículo. No caso da Educação Física, a gente está muito mais acostumado com o ato de ensinar, estar à frente de uma turma, do que elaborar, organizar, sistematizar o que esta turma deve estudar mais a longo prazo, quer seja nas doze aulas de uma unidade didática, quer seja em um plano de estudos de um ano, quer seja em um plano curricular em uma escola ou até mesmo no âmbito de um referencial curricular para uma rede municipal de ensino ou uma rede privada de ensino. Então, apesar de extremamente importante, ao que parece a prática curricular ainda é vista como um elemento um tanto estranho para a Educação Física.

B.S. – Você tem notícias?

A.F. – A gente está querendo ver se houve algum tipo de retorno do material... Porque para poder se tornar uma pastilha efervescente na rede, as pessoas tem que ter incorporado uma noção de prática curricular dentro do campo da Educação Física, para que isso não se torne apenas um material de um governo que já passou. Agora, as notícias que eu tenho sobre o uso do material hoje em dia são poucas... A gente já previa um pouco isso, porque há a cultura de que o governo passa, portanto, para que se desgastar com algo que não vai mais ser usado no governo seguinte... E de certo modo isso aconteceu. De qualquer modo, a pesquisa da Giliane<sup>22</sup> deve nos apontar alguma coisa sobre o que foi (ou o que está sendo) feito com o material na rede. Sabemos que teve gente que usou o material de forma

---

<sup>20</sup> Mariza Abreu.

<sup>21</sup> Obra: GVIRTZ, S; PALAMIDESSI, M. **El ABC de la tarea docente: currículum y enseñanza**. Editorial AIQUE, Buenos Aires, 1998.

<sup>22</sup> Giliane Dessbesell.

positiva, o tomou como um material de apoio ao seu trabalho; teve gente que entendeu o material como uma espécie de tarefa extra, que poderia atrapalhar os preparativos para evento como o JERGS<sup>23</sup>, por exemplo; teve gente que pegou o material e forrou o armário, enfim, teve de tudo um pouco. Teve até mesmo material roubado de um depósito. Eu lembro que saiu uma notícia no Correio do Povo<sup>24</sup>, na época, sobre o desaparecimento e o posterior abandono do material em terreno baldio. Então, para parte dos alunos o material nem chegou; teve escola que não recebeu o material, teve escola que o material chegou e os diretores não repassaram para os professores. Houve uma série de imprevistos, mesmo que a Secretaria tenha organizado capacitações com os professores da rede para receber e trabalhar com o material.

B.S. – Você tem notícias de como foi a distribuição desses materiais, a participação dos professores na escola sobre a utilização dos materiais, então eu acho que nem vamos nela. Bom, vamos falar um pouco da formação agora, depois dos referenciais. Você tem notícias como se deu, quais coordenadorias foram escolhidas para essa formação, quantas vezes cada uma recebeu?

A.F. – Recebeu o quê? Quantas vezes cada uma recebeu o quê?

B.S. – O processo de formação, de capacitação dos professores.

A.F. – O processo de capacitação não foi exatamente como a gente imaginava. Quando a gente assumiu já imaginava que iria ter um processo de formação junto aos professores, mas a Secretaria, alegando uma questão administrativa optou pela abertura de um edital para contratação de instituições universitárias, ou estabelecimentos de ensino, que seriam os responsáveis pela contratação de profissionais para a realização da capacitação junto aos professores. Foi por região, e se não estou enganado, uma região ficou com a URI<sup>25</sup>, outra região ganhou a UNISC<sup>26</sup> de Santa Cruz, em outra região ganhou a UCS<sup>27</sup>; tinham

---

<sup>23</sup> Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

<sup>24</sup> Jornal Local.

<sup>25</sup> Universidade Regional integrada do Alto do Uruguai e das Missões.

<sup>26</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul.

<sup>27</sup> Universidade de Caxias do Sul.

capacitações para determinadas CRE<sup>28</sup>, coordenadorias em determinadas cidades. Coube aos autores dos referenciais capacitarem os "capacitadores", o que era muito complicado. A gente estava apresentando o material para o pessoal que estava vendo pela primeira vez, e que logo em seguida já teria de repassar aos professores, muitos deles colegas. Tivemos algumas instituições que se deram conta que isso seria um processo complicado; e resolveram minorar a situação contratando alguns dos autores dos referenciais. O Fernando foi em algumas assessorias e eu fui em outras; nos dividimos por critério de proximidade geográfica. Eu fui a Pelotas, São Leopoldo, Canoas, Gravataí e mais algumas cidades que não me recordo. Em cada capacitação sempre ia mais de um autor do referencial, mas de áreas diferentes. Eu participei de capacitações com o pessoal da Matemática, da Língua Portuguesa, da História, da Geografia, e isso foi interessante porque a gente via que estava na plateia o pessoal da Educação Física, da História, da Matemática misturados. Era bastante interessante perceber a repercussão do referencial da Educação Física junto às outras áreas, especialmente quando era possível estabelecer algum tipo de conexão. Então quando as outras áreas viam conexão, os professores diziam "Que legal trabalhar com isso, dá até para fazer algumas coisas com História, dá para fazer com Geografia, com Língua Portuguesa etc... Começava a ver possibilidades de conexão na organização de unidades didáticas, que também era um dos princípios do material: trabalhar a interdisciplinaridade. Para nós era uma satisfação, pois a gente via que um dos nossos objetivos, mostrar que a Educação Física é uma disciplina escolar e não uma mera atividade era percebido pelos professores de outras áreas. Aquilo para nós foi muito interessante, mas foi uma questão muito mais para nós do que para os professores da Educação Física da rede estadual, pois percebemos que algumas vezes esta situação gerava uma certa resistência. A tal ponto que em Pelotas um professor fez um comentário ao final da apresentação do material para o grupo, o professor disse mais ou menos o seguinte: "Bom, pelo que vejo, vou ter que voltar para a graduação para poder dar aula de Educação Física?" Esse retorno nos indicava o seguinte: muitos professores do Estado já estão há muitos anos na rede, já estão trabalhando com uma forma de ensinar que não está na lógica do referencial e esses professores muito dificilmente terão uma referência positiva com o material.

B.S. – Como vocês que estiveram diretamente implicados na produção do material, se posicionam em relação às teorias de formação de professores que chamam atenção sobre a

---

<sup>28</sup> Coordenadorias Regionais de Educação.

ideia do professor reflexivo ou sobre a presença da autobiografia do docente na sala de aula e como isso se articula ao material produzido.

A.F. – Autobiografia?

B.S. – É, a ideia do professor ser o produtor das suas aulas.

A.F. – Mas aí não seria autobiografia. Desculpe me meter na pergunta, mas a autobiografia seria um processo do sujeito contar sua própria história. Há linhas de pesquisa que trabalham com a questão da narrativa, da relação do professor com o processo docente, a cultura docente; é um tipo de trabalho muito interessante, porque identifica um pouco isso que eu estava falando em relação a esse professor de Pelotas, ou seja, o cara tem toda uma trajetória de formação, toda uma trajetória de vida que o leva a trabalhar daquele jeito. A gente teve o cuidado no material de não culpabilizar o professor por aquilo que ele não sabe, e sim tentar entender esse processo todo e trabalhar em uma linha de se colocar ao lado do professor, para que ele pudesse ver o material como uma ferramenta de apoio e não como um inimigo do trabalho na escola. Tentar mostrar que a prática curricular é uma outra tarefa docente, importante também; mostrar que quando tu organizas um trabalho, ele não fica mais "trabalhoso", talvez seja menos trabalhoso, talvez até seja um pouco mais trabalhoso no início, mas os resultados dessa organização no dia-a-dia podem facilitar muito a nossa vida docente. Nesse aspecto tem uma dimensão que a gente não pode tratar no material, que é a dimensão essa da cultura docente. Isso a gente não conseguiu tratar porque o referencial tem um outro endereçamento, trata-se de um outro gênero literário, e a primeira parte era sobre?

B.S. – Sobre o professor reflexivo.

A.F. – Sem dúvida e aí é uma questão fundamental porque esse material demanda um professor reflexivo... Se tu tens um professor reflexivo com uma boa leitura, com uma boa base de formação que possa interpretar esse material e fazer dele algo positivo para a história dele, ele verá o material como um elemento de apoio, senão, o material passa a ser um peso.

B.S. – Bom, nós sabemos que alguns outros estados vêm produzindo propostas de referenciais curriculares, você até citou alguns. Qual a sua opinião sobre os materiais que vem sendo produzidos em alguns outros estados?

A.F. – Bom, eu não conheço todos os materiais dos outros estados. Eu conheci o do Paraná, o de Minas Gerais e não cheguei a conhecer o material da Bahia, apesar de ter estado lá a convite da Celi Taffarel para um seminário relativo à ao processo de formulação do referencial baiano. De certo modo, todos esses referenciais estão relacionados direta ou indiretamente ao PCN. Eles são de certo modo herdeiros, pois os PCN's também se inspiraram no que havia sido produzido pelo Coletivo de Autores, além disso, os referenciais de cada estado estão muito relacionados à trajetória teórica dos seus respectivos formuladores, isso não tem dúvida, e estão amarrados às diretrizes que cada estado traçou para cada colaborador, assim como foi aqui no Rio Grande do Sul. Independentemente do estado e do modo de produção, eu creio que já temos um caldo de cultura criado na esteira da publicação de vários referenciais, o que é muito importante para o aprimoramento da tarefa de produção deste tipo de material por professores de Educação Física. O ProEFE<sup>29</sup>, por exemplo, tem um repositório digital onde constam os referenciais já publicados, é uma excelente fonte de pesquisa para que se possa alavancar a prática curricular no meio da educação física. De um modo geral, o professor está muito preocupado com uma das tarefas, que é o ensino; a outra tarefa parece ser um peso, algo que não diz respeito à Educação Física, pois estamos mais acostumados a fazer plano de aula para quarenta e cinco minutos; a matar um leão por dia, a planejar aulas com atividades extras, para dar conta dos quarenta e cinco minutos. Nessa lógica, a atividade era o centro das atenções, por isso, era preciso uma atividade diferente para cada dia. Isso de certo modo desestabiliza, pois não se consegue pensar uma sequência, não se consegue perceber em um conjunto de seis, sete aulas qual é a temática desenvolvida ali. Foi uma grande experiência, mas também teve momentos que a gente quase chegou a se arrepender de ter assumido a tarefa; pois lá no meio do processo começou a ficar cada vez mais tensa a relação entre o governo do estado e o CEPERS, a tal ponto que pensamos que o trabalho não chegaria ao fim, dada a queda de braço entre ambos. A gente pensou na linha da "redução de danos", que é uma lógica oriunda do campo da saúde mental [risos]. Se nós não tivéssemos aceito a tarefa, ela teria sido feita por outros colegas, algum material sairia,

porque a Secretaria iria dar um jeito de sair. E saindo de qualquer jeito, o estrago poderia ser grande; seria mais difícil ainda tentar inserir essa visão de mundo sobre a Educação Física. Agora para mim é curioso saber que o material tem sido usado em cursos de formação de professores de Educação Física, na graduação. Ele tem servido como um apoio para professores de Educação Física universitários trabalharem nos estágios e nas práticas de ensino, o que para nós é outro ponto muito positivo. Ou seja, ele consegue de um certo modo preencher uma lacuna - e não me refiro apenas ao material do Rio Grande do Sul, - de fornecer elementos didáticos, elementos de conteúdo para os alunos tratarem da tarefa de produção curricular no âmbito da formação.

B.S. – Vamos à última questão. Como vocês têm recebido as críticas, tanto mais elogiosas, como digamos, eu estou chamando aqui de mais negativas em relação ao Lições e se você encontrou alguma, tem notícias de alguma?

A.F. – Encontrei. Inclusive eu usei como exemplo da minha fala na conferência de abertura em Belo Horizonte, em 8 de maio de 2013, comentários negativos a respeito do material. Uma foi essa do professor de Pelotas, que para mim é uma referência negativa, e a outra foram comentários de alunos da rede estadual postados em comunidade do Orkut<sup>30</sup> chamada "Eu odeio o Lições do Rio Grande". Então eu coletei alguns trechos das falas, apenas os publicáveis, e usei em alguns *slides* para que o público pudesse ter uma ideia dos efeitos entre os alunos que receberam o material. Uma das falas dizia mais ou menos o seguinte: “Acabaram com o nosso futebol e tu vê essa Yeda, agora temos que estudar em Educação Física, é um absurdo um negócio desses”. “Eu fui fazer parte de um tal de um júri lá que tem um júri simulado que a gente cria, então a parte do júri eu não entendia nada”, estava colocando... e aí ele dizia assim: “É, realmente não dá, esse troço tem que acabar, fogo no livro e viva o futebol”. Hoje eu dou risada, pois acho isso muito legal, ver que os alunos têm essa capacidade crítica sobre um material didático é que é muito importante para o processo todo. E mais, assim como um professor precisa se dar conta que ele está condenado a estudar o resto da vida, ele também tem que se dar conta de que é alvo de crítica o tempo inteiro, e a crítica tem que ser tomada como um elemento pedagógico. Já em relação aos professores, poucos foram os comentários negativos que nos

---

<sup>29</sup> Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Física Escolar da EEEFTO da UFMG.



chegaram, mas um elemento recorrente era a crítica sobre a escolha das atividades aquáticas para o ensino na rede estadual, alguns professores davam gargalhada e diziam: “Vocês estão loucos, vocês estão pensando o quê? Atividade aquática em escola da rede estadual? Quá, quá, quá...” Contudo, justificávamos que atividades aquáticas, na medida em que o trabalho no meio líquido é um elemento importante em termos sociais, tanto sobre pontos de vista de que aprendizagem quanto por questões de segurança, por exemplo, casos de afogamento em açudes no Rio Grande do Sul no verão, por que os sujeitos não sabem se virar na água; começavam a ver alguma coerência. Nós temos em Porto Alegre piscinas públicas, em diferentes espaços; onde se pode programar aulas no verão em dezembro. Certamente as aulas não servirão para o aluno aprender a nadar, mas ter uma experiência no meio líquido que venha lhe ser de grande valia no verão. É possível, inclusive, programar unidades didáticas que envolvam o pessoal que trabalha na Operação Golfinho.<sup>31</sup> Enfim, há milhares de possibilidades de estruturar uma aula que tem o tema atividades aquáticas como elemento central;

B.S. – E as críticas mais elogiosas? Você falou já várias...

A.F. – A gente recebeu sim, não dá para negar, a gente recebeu bastante elogios pela produção do material. Muito legal que aqui na ESEF a gente teve um retorno positivo de muitos professores, até porque a gente consultou alguns professores da ESEF durante a produção do material. O professor Álvaro<sup>32</sup>, por exemplo, foi um dos que colaborou; o professor Leonardo Tartaruga<sup>33</sup>, o Professor Marco Paulo Stigger, a Profa. Mônica Dantas<sup>34</sup>, o Prof. Flávio Castro<sup>35</sup>. E o elogio que a gente ficou mais lisonjeado veio Prof. Valter Bracht, que foi também um dos consultores do material. Em 2010 ele escreveu um texto, por ocasião do I Seminário de Currículo do MEC<sup>36</sup>, no qual ele se refere ao nosso material como uma produção significativa para a Educação Física. O professor Tarcísio, da UFMG, me disse pessoalmente que considerava o material uma boa síntese do que foi produzido na área nos últimos trinta anos de Educação Física. Enfim, a gente lida com essa

---

<sup>30</sup> O Orkut é uma rede social da internet, com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos.

<sup>31</sup> Operação da Brigada Militar, que ocorre nos verões em algumas praias do Rio Grande do Sul.

<sup>32</sup> Álvaro Reischak de Oliveira.

<sup>33</sup> Leonardo Alexandre Peyré Tartaruga.

<sup>34</sup> Mônica Fagundes Dantas.

<sup>35</sup> Flávio Antônio de Souza Castro.

dimensão de crítica de alunos, de professores, de colegas, de professores universitários, mas também a gente sabe que fez um material interessante; a gente tem noção que o material tem consistência e a gente sabe que esse material marca um momento singular para a Educação Física do Rio Grande do Sul, a tal ponto que o próprio CEME decidiu entrevistar os dois autores para registrar um pouco do processo, porque, para nós estes é um projeto de estado e não de governo.

B.S. – Bom professor, era isso, gostaria de agradecer.

A.F. – Muito Obrigado.

B.S. – Nós que agradecemos, de tomar seu tempo, as dificuldades da vida acadêmica, o tanto de trabalho que vocês têm, então muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>36</sup> Ministério da Educação.